

L. A. BURGAIN



FERNANDES VIEIRA,
OU PERNAMBUCO LIBERTADO

FERRARI DES VIERA
OUBOU LUBRICO



L.A. BURBANK

COLLECÇÃO

DOS

DRAMAS E COMEDIAS,

DE

LUIZ ANTONIO BURGAIN,

membro do Conservatorio Dramatico, e collaborador
da Minerva Brasiliense.

FERNANDES VIEIRA.

◊ **OU PERNAMBUCO LIBERTADO.** ◊



RIO DE JANEIRO.

TYPOGRAPHIA AUSTRAL, BECO DE BRAGAÇA, 15.

1875.

FERNANDES VIEIRA,

OU

PERNAMBUCO LIBERTADO,

DRAMA EM 4 ACTOS E EM VERSO:

Offerecido e dedicado, como testemunho de estima e amizade, ao Sr. D. Senechal, Doutor em Medicina, Presidente da Sociedade de Medicina e Cirurgia, Cavalleiro da Legião de Honra, etc. etc.;

Por L. A. Burgain,

Membro do Conservatorio Dramatico Brasileiro, e Collaborador da Minerva Brasileira.

Representado pela primeira vez no Theatro de S. Pedro d'Alcantara, no mez de maio de 1845.

PERSONAGENS.

ACTORES.

J. F. VIEIRA.	O SR. JOAQUIM JOSÉ DE BARROS.
MARIA, sua filha adoptiva	A SRA. LUDOVINA SOARES DA COSTA.
AFFONSO	O SR. GERMANO FRANCISCO DE OLIVEIRA.
CALABAR, Indio	O SR. PAULA DIAS.
MANOEL MORIS, capellão	O SR. GOUVÊA.
GUILHERME, coronel hollandez.	O SR. JOSÉ CANDIDO DA SILVA.
VEDAL DE NEGREIROS, coronel	O SR. CAQUEIRADA.
HENRIQUE DIAS, official preto	O SR. PINTO.
ANTONIO MOREIRA	O SR. ROMUALDO.
JACUHY, Indio	O SR. SEROULAS.
CLARA, sua mulher	A SRA. GABRIELLA.
DUHAMEL, conselheiro hollandez	O SR. MONTEIRO.
OCTAVIO.	O SR. MENDONÇA.
SIGISMUNDO, general hollandez.	O SR. MANOEL JOSÉ PINTO.
UM CRIADO.	O SR. SOUZA.

ACTO PRIMEIRO.

Sala em casa de Vieira. Portas lateraes, e outra no fundo, abrindo para uma alameda. Jacuhy entra pelo lado da esquerda, e outro pelo lado da direita. Vieira atravessa a scena pelo fundo, conversando com alguns amigos.

SCENA I.

CALABAR, depois JACUHY.

CALABAR, olhando para o fundo.

Como a perturbação do seu espirito
Trazem no rosto impressa! Não, não sabem
Dissimular; não sabem, cautelosos,
O jubilo encobrir com ar sombrio;

Não sabem ter nos labios o sorriso
Quando o furor o peito lhes inflamma.
Jacuhy!

JACUHY.

Está tudo terminado.

CALABAR.

A carta....

JACUHY.

Entregue.

CALABAR.

Sim?!

JACUHY.

Era alta noite
Quando ao sítio cheguei que me indicaste.

CALABAR.

Ninguém te viu?

JACUHY.

Ninguém.

CALABAR.

Esperava por ti!

Quão receioso

JACUHY.

Que receiavas?

CALABAR.

Se fóras, por desgraça, apprehendido?

JACUHY.

Então?

CALABAR.

Apprehendido com a carta?!

JACUHY.

Primeiro que torman-m'a conseguissem,
Houvê-la-ia tragado; e teu segredo
Neste peito morrerá.

CALABAR.

Não duvido.

Tu és da nossa tribu um digno filho.
Mas, alguém lá diviso... Separemo-nos....

JACUHY.

Até mais ver.

CALABAR.

Contigo sou.

SCENA II.

CALABAR.

Maria,
Com a fiel companheira, vagarosa,
Para aqui se encaminha. — Como é bella!
Traz a frente anuviada; e mal encobre
O amor que lhe inspira esse mancebo,
Esse odioso rival, que talvez breve....
E Calabar, no entanto, desprezado,
Ha de em si concentrar a raiva, o ciúme....
Oh que assim não será! Os vossos padres

Ensinam-me que aos homens Deos ha dado
Dous anjos — um de luz, outro de trevas —
Que as almas de continuo se disputam....
Pois bem! serei vosso anjo malfazejo!

SCENA III.

MARIA, CLARA.

CLARA.

És feliz, dizes tu, mas não te creio.
Calado soffrimento te consume.
Não és qual nesses dias tão serenos
Que contigo volvi nesta morada.
Então, risonha estavas e ditosa;
A' tua Clara então nada occultavas.

MARIA.

Que tempo me recordas!

CLARA.

Feliz tempo!

Inda te lembras. Mal á luz do dia
Das serras arraiava as verdes c'róas,
Ligeira junto a ti guiava os passos.
Um padre veneravel, o bom Mórís
Nossa infancia moldava, em nossas almas
Gravava da virtude os são preceitos.
Lembras-te quando, cioso de adextrar-te
Em marciaes jogos, teu tutor folgava
Ao ver-te sopesar co'a mão mimosa
O ferro que empunhara nos combates!
Descuidosas, por valles e campinas
Erravamos; do rio as bellas margens
Corriamos; e quando mansa a noite
A terra em negras sombras se envolvia,
Sentados junto ao lago, o bom Vieira
Nos recontava as guerras desastrosas
Que nosso fertil solo ensanguentaram
A constancia, o valor dos Brasileiro
Quando veio a Bâtavia ás nossas praias
Trazer escravidão, opprobrio, morte.

MARIA.

Tudo, tudo mudou. Porém mereces-me
Inteira confiança. Meus segredos
Ouve pois. — O pesar que tua ausencia
Causou-me, não foi mais que o precursor
De males mais pungentes.

CLARA.

E querias!
Encobril-os a Clara! Ingrata!

MARIA.

Escuta.
Vieira é desgraçado. Internas magoas
A vida lhe amarguram. Sempre o vejo
Solitario, inquieto, pensativo.

A' noite, mesmo, sonhos pavorosos
A agitação revelam de sua alma.

CLARA.

Mas, não te confiou, ou não podeste
A causa penetra. dessa tristeza?

MARIA.

Mais que muito a conheço. Pensas, Clara,
Que, apoz tantos esforços, tantas lidas,
Fanto sangue vertido na peleja,
Sem nobre coração se não merecere
Ao ver dos Hollandezes a potencia
Mais e mais arraigar-se neste solo?
Eis ahí, minha Clara, a justa causa
Da sombria tristeza de Vieira.
E comtudo, essa magoa que bastára
Para a vida tornar-me insupportavel,
Ella unica não é que me atormenta.

CLARA.

E que mais....

MARIA.

Amo....

CLARA.

Tua?

MARIA.

E sou amada.

CLARA.

E quem pod' a tua dita oppôr-se? — Vieira
Certamente... e eu mais terno
Fui n'elle; e só d'um homem virtuoso,
Digno de ti, podeste ena amar-te.

MARIA.

Sem me julgas; porém,

De Affonso o berço envo... profunda noite
Clara... vive....

Como! Affonso!

Este amavel mancebo, que comnosco
Foi criado?

MARIA.

Como.

CLARA.

E sabe acaso....

MARIA.

Que dizes! Esse amor infortunado,
Não devia occultal-o? — Oh! se souberas
que soffre este peito, quando Affonso
sejo triste, abatido, reprimindo
os suspiros, o pranto....

CLARA.

Ah! por amargo
Que seja o sacrificio, era forçoso.
Não te devo illudir.... Mas, alguém chega....
Silencio! E' teu tutor e meu marido.

SCENA IV.

AS MESMAS, VIEIRA, ANTONIO.

ANTONIO, em tom de graça.

Ei-las em conferencia! Assim se esquivam
Para a sós conversarem?

CLARA, no mesmo tom.

Gran delicto

É de certo.

ANTONIO.

Se as moças, em segredo,
Tem sempre que dizer alguma cousa!

CLARA.

E a tí que importa?

ANTONIO.

Vamos, não te enfades.
Visto os mais convidados demorem-se,
Daremos um passeio.

CLARA.

Bem lembraste.

(A Vieira, querendo tomar-lhe o braço.)
Senhor....

VIEIRA.

Perdôa, filha.... Com Maria
Preciso de fallar.

ANTONIO.

Tambem Vieira!

O dia é dos segredos.

VIEIRA, entre serio e alegre.

Breve o conhecerás.
Tal segredo

ANTONIO, a Clara, á parte.

D'um casamento

Trata-se. (Alto.)
Vamos nós. Certo segredo
Quero tambem contar-te.

VIEIRA.

Sou comvosco.

ANTONIO.

Até já.

CLARA, *apertando a mão a Maria.*

Tem constância.

MARIA, *a Clara a quem acompanha até a porta.*

O que este coração me vaticina!
Não sei, Clara,

SCENA V.

VIEIRA, MARIA.

VIEIRA, *à parte.*

Já muito differi; é mais que tempo
De fallar com Maria.

MARIA, *voltando, à parte.*

Sós estamos, senhor... Mas, qual a causa
Desta perturbação? Algum desastre
Talvez....

VIEIRA.

Socega, filha; e escuta.

MARIA, *receiosa.*

VIEIRA.

Dez annos haverá que, nestas praias,
Do Brasil alguns filhos desditosos,
Por longa guerra exaustos, contra os Batavos
Um derradeiro esforço inda tentavam.
Foi n'uma dessas lutas sanguinosas
Que teu pai, meu amigo, o bravo Telles....

MARIA, *interrompendo-o.*

Ah! porque recordar casos tão funebres,
E em dia tal, senhor?

VIEIRA.

É necessario.

Derribado entre mortos inimigos,
Exangue, roto o ferro, lacerado
De feridas, aos golpes d'um cobarde,
De Guilherme, acabou.

MARIA.

Encarar o malvado inda coberto
Do sangue do meu pai!

VIEIRA.

Com tres filhos, e tu ainda infante,
Do martyr a viuva inconsolavel
Ficara. Com coragem sobrehumana,
Abrasada no santo amor da patria,
E ardendo por vingar o caro esposo,

Seus tres filhos armou; e, contra o seio
Cingindo-os, entre prantos e suspiros:
— « Parti! (lhes disse) os nossos oppressores
« Mataram vosso pai. Ide vingal-o!
« Já moribunda chama a liberdade
« Ao campo da batalha os Brasileiros.
« Adeos, filhos! »

Partiram. Sua sorte
Sabes qual foi, Maria....

MARIA.

O' desgraçados!

VIEIRA.

Desgraçado não é quem... a patria
No campo da peleja acaba os dias.

Tua mãe desditosa a tantos golpes
Resistio, porque tu, infeliz orfã!
Dos seus disvellos inda carecias.
Os Batavos, passados alguns tempos,
Tomaram Nazareth; e tão odioso
Seu jugo se tornou, que, exacerbados,
Os tristes habitantes resolveram
Fugir dos patrios lares, e no exilio
A' presença furtar-se dos tyrannos.
Oh! quem pintar podéra os soffrimentos
Com que lutar haviam foragidos
Por entre vastos páranos, campinas
Stercis, plagas adustas, como feras
Acoçados, morrendo á fome, á sede,
E do sol pelos raios devorados!
Horriavel espectáculo! Inda vejo
Pallida, exausta, a filha piedosa,
Sem pranto, semi-louca, dando a custo
Ao cadaver do pai a sepultura;
A mãe, desesperada, moribunda,
Estancadas do seio as puras fontes,
O filhinho com sangue amamentando!
Oh! felizes aquelles que na morte
Termino a tantos males encontrados!

MARIA.

E minha mãe?!?

VIEIRA.

Havia succumbir.... e nestes braços
Expirou, confiando a meus cuidados
Uma filha.... Eras tu.

MARIA, *lançando-se nos braços de Vieira.*

O' dôr eterna!

VIEIRA.

Maldição! maldição sobre esses barbaros,
Que, das nossas riquezas sequiosos,
De Pernambuco o solo afortunado

Alagaram com lagrimas e sangue!
Maldição sobre aquelles que talaram
Nossos campos, e em ermos pavorosos
Transformaram cidades florescentes!

MARIA.

Sim! fulmine o Senhor os desalmados
Que a terra nos roubaram, que no sangue
Dos meus todos....

VIEIRA, *atalhando-a.*

A palma do martyrio
Ganhou tua familia; e seu denodo
Saberás imital-o, desprezando
Os perigos que cedo vão cingir-nos.

MARIA.

Ah! falla! Estremecer toda me sinto....

VIEIRA, *pegando na mão a Maria.*

Dormem sobre um volcão nossos algozes.
Vais breve retumbar no sino eterno,
Hora da liberdade e da vingança!

MARIA.

Que dizes? ! Grande Deos!

VIEIRA.

Eis o motivo
Porque dissimulei. Oh! que não sabes
Quanto hei soffrido, quanto me custava
Acolher com semblante prasenteiro
Esses piratas, eu que aos pés quizera
Calcal-os! Porém todo o sacrificio
Facil se torna áquelle que forceja
Por sacudir um jugo vergonhoso;
E já dez annos ha que este projecto
Abrigo no meu peito; ha já dez annos
Que jurei libertar esta provincia,
Ou sob as ruinas della sepultar-me.
Mas, descoras, Maria!

MARIA.

O signal quando sóa?
Do combate

VIEIRA.

Talvez breve.
O coronel Vidal da nossa empreza
Partilha a gloria. Por Telles da Silva,
Primeira autoridade da Bahia,
Foi-me enviado.

MARIA.

E nada me disseste?

VIEIRA.

O socego roubar-te não quizera;

Mas, o tempo é chegado. Nossos hospedes,
Quasi todos, são socios que hão-de os ferros
Spedaçar, ou morrer.

MARIA.

E os mais....

VIEIRA.

Conheço
Seu odio aos Hollandezes; e com todos
Posso contar.

MARIA.

Porém....

VIEIRA.

Qualquer que seja
A sorte que o futuro nos aguarda,
Ficar-nos-ha dos bens o mais precioso,
— A gloria! —

MARIA.

Sim! descança, que Maria
Será digna de ti.

VIEIRA.

Digna dos martyres
De quem o ser houveste, e cujos manes
Inda clamam — Vingança! — Vai, ó filha!
Para o festejo adereçar-te; e calca
Vãos temores, que o Céu por nós peleja....

(*Dá um beijo em Maria; e, depois de acompanhá-la com a vista, exclama:*)

Se Vieira succumbir, ha-de amparar-te!

SCENA VI.

CALABAR, *ironico.*

Está bem concebido o vosso plano,
Estão vossas medidas bem tomadas....
E bastará, comtudo, um misero Indio
Para tudo baldar.

(*Terrivel.*)

Ah! meus senhores!
A ferro e fogo outr'ora destruistes
As nossas povoações; aos vossos golpes
Morreo meu pai, e em duro cativo
Minha mãe definhou.... E vós pensastes,
Insensatos! que o tempo da memoria
Me havia riscar tudo! Não! que a guerra
Vai travar-se entre nós. Tenhais embora
Homens, armas, thesouros; eu só tenho
Coragem, odio, astucia; e tanto basta.

E comtudo, esse amor que me consume
Talvez vencesse alfim; talvez que o odio
Morresse neste peito, se algum dia....
Mas, que loucura! O filho das florestas

A' mão d'uma donzella bella, illustre,
Aspirar! — Em verdade, deliravas;
Calabar! — Oh! silencio.

SCENA VII.

VIEIRA, *entrando com AFFONSO*; CALA-
BAR, *depois JACUHY*.

VIEIRA, *a Affonso*.

Tudo sabes.
O caminho da gloria aos Brasileiros
Vai cedo franquear-se.

AFFONSO.

E ver-me-has cedo
Forcejar em seguir teu nobre exemplo.

VIEIRA, *aperta a mão a Affonso; e dirigindo-
se para Calabar*.

Calabar, junto a mim sempre encontrei
Asylo e protecção. Enquanto barbaros
Os teus escravizaram, tua infancia
Compassivo amparei. Não és ingrato....
Seja qual for a sorte que me espera,
Tu me serás fiel. Conto contigo.

CALABAR.

Generoso Vieira, nem co'a vida
Retribuir-te pudéra os beneficios
De que me cumulaste; e se algum dia....

JACUHY, *chegando apressado*.

O coronel Vidal para este sitio
Endireita.

VIEIRA.

Vidal! A ponto chega.
Ao encontro lhe vou.

(*Sahe com Jacuhy.*)

SCENA VIII.

AFFONSO, CALABAR.

CALABAR.

Amigo Affonso,
Tempo é de triumphar dessa tristeza
Em que andas engolphado, e que me afflige.
Como! na flor da idade, cavalleiro
Formoso, aceito ás damas, tão hemquisto
De Vieira e de todos.... Que mais queres?

AFFONSO.

Eu? nada. Sou feliz.

CALABAR.

Feliz!... Os labios

O coração desmente. Um vero amigo
Tão facil não se engana. Teu segredo
Respeitarei. Porém, se algum serviço
Te pudesse prestar.... Assaz conheces-me.
Conta com Calabar fiel e firme.

AFFONSO, *estendendo-lhe a mão*.

Eu te agradeço.

CALABAR, *apertando-lh'a*.

Adeos.

AFFONSO.

Adeos, amigo.

SCENA IX.

AFFONSO, *depois MARIA*.

Inda nada suspeitam.... Que supplicio!
Por mais que me constranja, o meu segredo
Haviam descobri-lo cedo ou tarde.
E' tempo de acabar com taes angustias;
E, pois que nesta vida não me é dado
Ser venturoso, ao menos, entre as armas,
Com gloria morrerei.... Deos! ella....

MARIA, *perturbada*.

Affonso!

AFFONSO, *com tristeza*.

Senhora, assaz conheço que te pesa
Minha presença; e já te deixo....

MARIA.

Como?

AFFONSO.

Não é de agora só que tu me foges....

MARIA.

Fugir-te! E que motivo....

AFFONSO.

Em vão procuro
A causa descobrir deste odio....

MARIA.

Odiar-te!

E podeste pensal-o!

AFFONSO.

Oh! quão diversa
Te vejo do que foste! Essa amizade,
Que outr'ora mereci-te, que foi della?
Teu irmão me chamavas. Ditas, magoas,
Tudo commum nos era: se meu peito
A tristeza toldava, um teu sorriso
Bastava a serenar-o; uma só lagrima
Não vertias, que a mão do terno amigo
T'a não fosse enxugar.... E agora...!

MARIA.

Affonso,
Esse amor.... fraternal, eu t'ou conservo
Ainda, como outr'ora, a tua dita
M'é cara. Mas, os tempos são mudados,
E fugiram da infancia os annos rapidos.

AFFONSO.

Fugiram, tens razão; sou insensato.
Mas, a tanta frieza inda não pôde
Affonso acostumar-se. Descuidoso
Do porvir, junto a ti gastava os dias;
Em doce engano d'alma adormecido,
N'outra felicidade não sonhava.
O encanto quebrou-se; e co'a desgraça
Ao acordar achei-me.

MARIA, *mais perturbada, e á parte*.

Tem coragem,
O meu peito! (*Em acto de retirar-se.*)
Senhor....

AFFONSO.

E tu me deixas....

Tambem, e talvez cedo, estes lugares
Deixarei.

MARIA.

Que disseste?

AFFONSO.

Partir devo.

MARIA.

Tu? ingrato! fugir-nos!

AFFONSO, *arreatado da paixão*.

O' Maria!

Um desgraçado sou; mas, é forçoso
Que falle, ou que me estale o peito. Escuta.
Desse teu puro affecto não sou digno.
Despreza o desditoso que, olvidando
Quam baixo é seu estado; que de Vieira
Deslembrando a ternura, os beneficios,
Insano ousou por ti nutrir....

MARIA.

Affonso!...

AFFONSO.

Um frenetico amor....

MARIA.

Affonso!....

AFFONSO, *tornando em si*.

E' justa

A tua indignação. Porém, senhora,

Releva meu delirio; que estes labios,
Que minha chamma ousaram revelar-te,
Hão de breve cerrar-se para sempre;
O triste coração que a teus encantos
Não soube resistir, cessará breve
De palpar. Senhora, tu bem sabes,
Insofrido o Brasil saccode os ferros,
E não tardam seus filhos a alistar-se
Debaixo dos pendões da liberdade.
Nos combates.... Mas que! minha ousadia
A tua indignação já não desperta....
Tu já de mim não foges!... Mas, que vejo?...
Uma lagrima!...

MARIA.

Affonso! pela patria
Vai combater! Porém, se meu socego,
Se minha dita podem commover-te,
Poupa os dias. Ao lado de Vieira
Ceifa louros, regressa triumphante....
Então.... Já disse muito.... Adeos! (*Sahe.*)

AFFONSO.

Maria!...

Não me ouve.... Mas, deliro?! Sou amado....
Amado de Maria! O' Deos! receio
Que tamanha ventura seja um sonho!
Verdugos do Brasil! vossas cohortas
Agora reuni! Sõe a trombeta!
No meio dos combates é que devo
Acabar, ou fazer-me digno della! (*Parte.*)

SCENA X.

VIEIRA, VIDAL, MORIS.

VIEIRA, *a Vidal*.

Emfim, estamos sós! Mais este abraço,
Amigo! e nos refere da jornada
Os successos.

VIDAL.

Apenas tive ao peito
Cingido o pai saudoso, c'o pretexto
Da volta festejar, os meus amigos,
C'os da terra mais grados moradores,
Reuni n'um banquete. Ali, lembrando-lhes
As injurias, os males que soffrêmos,
Seus animos sondei; e resolutos
Os vi a libertar-se.

VIEIRA.

Do seu brio

Não menos esperava.

VIDAL.

Nosso plano

Então desenvolvi....

VIEIRA.
Foi approved?...

VIDAL.
Por todos. E juraram desta terra
O Batavo expellir, ou na peleja
Acabar.

VIEIRA.
Com tão dignos companheiros,
Temos certa a victoria.

MORIS.
Do Evangelho,
Dado o signal, vereis os sacerdotes
As armas empunhar.

VIEIRA.
O bravo Henrique,
Com quem sempre contámos, jubiloso
Nossa causa abraçou. Com seus infantes,
Ao primeiro signal, está comnosco.

VIDAL.
Nessa luta, em que outr'ora succumbimos,
De impavido guerreiro Henrique Dias
O nome grangeou.

MORIS.
Quão forte auxilio
O bravo Camarão nos não prestára!

VIDAL.
Assim é! Mas, o longo cativo
Póde olvidar?... Ingratos! que tal premio
A taes serviços deram!

VIEIRA.
Sem regresso
Um alliado perdemos poderoso.
E quem sabe se aos Batavos...

(Durante esta scena, vai escurecendo.)

SCENA XI.

Os MESMOS; depois ANTONIO e CLARA, seguidos dos mais convidadas; depois MARIA, AFFONSO e CALABAR.

ANTONIO, de fóra.

Ah! deixa-me!

CLARA, de fóra.

Esposo!...

VIEIRA.

Ouvistes?

CLARA, entrando com Antonio, Affonso, Calabar e convidadas.

Ah! suspende!

VIEIRA.
Antonio!...

ANTONIO.

Uma espada! Vidal! a tua espada!

MORIS.

Tu deliras!...

ANTONIO.

Infames!...

VIEIRA.

Que succede?

CLARA.

Desditosa jornada!

MARIA, entrando assustada.

Estes clamores...!

ANTONIO.

O passo me detendes; e, no entanto,
Os malvados se escapam; e minha honra
Fica manchada!

VIEIRA.

Explica-te!

ANTONIO.

Com Clara,

O passeio estendera pelo bosque.
Eis que tres militares holandezes
Encorramos. Em nós os insolentes
Com riso mofador os olhos cravam,
Palavras proferindo.... Taes palavras,
Não as referirei.... mas, minha esposa
Ultrajavam!

VIEIRA.

Infamia!

ANTONIO.

Furioso,
Sobre elles me lancei; mas, eram tres,
Tres, e armados; enquanto só, sem armas....

VIEIRA.

O' cobardes!

ANTONIO.

Por terra me deitaram,

E c'os pés.... Maldição! que eu não püdesse
No seu sangue saciar a minha furia!
Agora, sabeis tudo....

CLARA.

Antonio! Esposo!

Não te deixo.

MORIS.

O' meu Deos! tudo profanam!

AFFONSO.

Amigo! elles são tres.... Eu te acompanho.
Armas! Armas!

MARIA, á parte.

Oh! Deos!

ANTONIO.

Vamos!

VIEIRA, que ficou pensativo.

Suspendam!

(Indo para Calabar, e dando-lhe um papel.)

Calabar, nesta lista tens os nomes
De quantos esperamos. Qualquer outro...

CALABAR.

Comprehendo. (Sae e fecha a porta.)

CLARA, á parte.

Onde estou?...

AFFONSO.

Elle que intenta?

VIEIRA, correndo a todos com a vista.

Aqui sómente amigos vejo.... Antonio,
Está proximo o dia da vingança.

CLARA, á parte.

Que escuto, grande Deos!

VIEIRA.

Respondam todos.

Entre vós haverá quem não odeie
Nossos tyrannos?

TODOS.

Não!

VIEIRA.

Que antes não queira

Morrer do que soffrer vergonhas tantas?

TODOS.

Não! Não!!

VIEIRA.

Pois bem! do jugo vergonhoso,

Já vol-o disse, é tempo de livrarmo-nos.
Emquanto a Lusitania carregava

C'os ferros de Castella, inutil fóra
Qualquer esforço nosso, que sómente
Um tyranno trocáramos por outro.
Mas, depois que os briosos Portuguezes,
Apoz annos sessenta de miserias,
O jugo sacudiram de Philippe,
Bem era de esperar que D. João quarto,
Pelo poder do povo ao trono alçado,
Buscasse redimir nossas provincias.
Chimerica esperança! que a politica
E as guerras européas ao monarchia
Encetar não permitem novas lutas.
E entretanto, a protervia, a tyrannia
Dos nossos oppressores ha crescido.
Em quanto a cruel fome, o desespero,
Assolam o paiz, enriquecido
Co'as rapinas, de nós inda escarnece
O Batavo, que sorve em lantás mesas
As lagrimas do povo em taças de ouro!
Mas, inda aqui não pára tanta infamia.
Vimos calcar aos pés as leis mais santas,
Os domesticos lares inyadidos,
Nossas irmãs e filhas ultrajadas.
Os sacros templos nossos mãos sacrilegas
A cinza reduziram; profanaram
Os altáres de Christo, e do Evangelho
Ministros a seu ferro succumbiram.
Emfim, crimes não ha que esses malvados
Perpetrado não tenham.

TODOS.

E' verdade!

VIDAL.

Amigos, o Brasil é nossa patria:
Dos nossos bons avós o recebemos,
Que barb'ro e sem cultura o conquistaram.
Sim! foram nossos pais que infatigaveis
Rotearam seus campos solitarios,
E suas fortalezas e cidades
Levantaram. Corramos pois ás armas,
Para tão bella herança recobramos.
Faltava-nos um chefe; e da Bahia
O provido governo designou
O mais digno de todos: é Vieira!

TODOS.

Viva Vieira!

SCENA XII.

Os MESMOS, HENRIQUE; depois OCTAVIO.

VIEIRA.

Henrique!

HENRIQUE.

Grandes novas

Eu te trago. Mas, esses....

VIEIRA.
São amigos.
Fallar podes.

HENRIQUE.
Acabam de insurgir-se
Maranhão, Ceará; e dos tyrannos
Já corre o sangue.

VIEIRA.
E nós, inda esperamos!
Eia!

HENRIQUE.
Moniz, á frente dos seus bravos,
A costa occidental corre, e derriba
Quanto ousa resistir-lhe. Em breve tempo,
O forte do Calvario foi tomado,
E morta a guarnição.

VIDAL.
Os Maranhenses
O caminho encetaram. Companheiros,
Havemos de seguil-o!

TODOS.
Morte aos Batavos!
MORIS, a Vidal e Henrique.
Os ferros me confiai.
(Fôrma uma cruz com as espadas.)
Sobre este emblema
Da Redempção, juremos pela patria
Tudo sacrificar.

TODOS.
Juramos!!
OCTAVIO, repellindo Calabar.
Deixa-me!

VIEIRA.
Que pretendes?

OCTAVIO.
Senhor, tropa hollandeza
Se aproxima.

TODOS.
Traição!!

CLARA.
Perdido é tudo!

OCTAVIO.
Sim! traição houve infame. Mas, o povo,
Que aos brados acordou dos insurgidos,
Agita-se, murmura, e só carece
D'um chefe que o dirija.

VIDAL.
E' este o tempo!

VIEIRA.
Sim! o dia raiou que a Providencia
Marcara em seus decretos immutaveis.
Liberdade exclamemos!

TODOS.
Liberdade!!
(Vieira puxa uma mola, que existe na parede, e patenteia-se um escondrijo cheio de armas.)

VIEIRA.
Vedes que prevenido estava tudo.
D'armas apercebei-vos. E' de brio
O caminho poupar-lhes.
(Todos se armam.)

POVO, ao longe.
Fôra os Batavos!
(Tiros ao longe; clarins, tambores, e sinos tocando a rebate.)

VIEIRA.
Ouvis a voz do povo! Ella nos chama!

TODOS.
A's armas! Liberdade!

POVO, ao longe.
Liberdade!

FIM DO PRIMEIRO ACTO.

ACTO SEGUNDO.

A barraca de Vieira. Está toda aberta pelo fundo, e deixa ver um campo coberto de arvoredos. De vez em quando apparece uma sentinella entre as arvores.

SCENA I.

CAMARÃO, JACUHY, alguns INDIOS.

JACUHY.

Brevemente o verás. Mas, assombrado
Inda estou. E' possível! Neste campo
O bravo Camarão, o chefe illustre
Que, em premio dos serviços, longo tempo
Nos ferros definhou dos seus alliados!

CAMARÃO.

Hei de todos tomar uma vingança
Que d'assombro ha-de encher esses ingratos
Que bárbaros nos chamam. Minha tribu
Na visinha floresta já s'arraia.

JACUHY.

E nas mãos de Vieira....

CAMARÃO.

Tal estranhas,
Que meus planos ignoras.

JACUHY.

Na verdade,
Quaes sejam não penetro; mas, por certo,
Serão dignos de ti. Se na vingança
Te pudesse auxiliar....

CAMARÃO.

Eu te agradeço.
Mas, agora os successos me relata
Que a revolta seguiram.

JACUHY.

Tu já sabes
Como, á frente dos seus, Vieira ousado
A tropa dispersou que o sitiava.
Dahi, para as florestas do Recife,
C'os infantes d'Henrique, os sublevados
O passo dirigiram. Por instantes
Avultam suas forças; e Vieira
D'armas e munições a todos prove.
Por esta posição mais vantajosa
São Lourenço deixou; e, de Jaboque
O campo guarnecendo, socegado
Espera os inimigos. Ser-te-ha facil
Aos Batavos.... Vieira se aproxima.

SCENA II.

OS MESMOS, VIEIRA, ANTONIO, CONJURADOS.

VIEIRA, entrando apressado.

Onde está! Camarão?!

CAMARÃO, ironico.

Oh! reconheces-me!

VIEIRA.

Sim! eu te reconheço, ó tu que outr'ora,
Valente sustentando a nossa causa,
De palmas immortaes cingiste a fronte.

CAMARÃO.

Dos carceres ao bafo pestilente,
Ha muito que essas palmas se murcharam.

VIEIRA.

Recordação cruel! Mas, hem o sabes,
Tudo obra foi d'alguns vis embusteiros,
A quem fazia sombra tua gloria.
O trama revelou-se.... porém tarde!

CAMARÃO.

Desde os tempos, de nós já bem remotos,
Em qu'Alvares Cabral, que a tempestade
A mares não sabidos arrojára,
Pela primeira vez as nossas praias
Veio abicar, em nós fieis alliados
Sempre houvestes. Comvosco, os duros campos
Cultivámos; comvosco repellimos
Europeos invasores. Quantas vezes,
Ludibrios do naufragio, Lusitanos,
Semi-mortos nas praias, ou vagando
Por ermos horrosos, franco hospicio
Em nossas pobres choças encontraram!
Como irmãos os tratámos; paz eterna
Jurámos-lhes; da terra os doces fructos
Com elles repartimos; por esposas
Tomaram nossas filhas.... E os ingratos,
A troco de tamanhos beneficios,
O que nos deram? Ferros! Mas, eu mesmo,
A familia deixando, o patrio solo,
Da minha tribu á frente, longos annos,
O sangue derramei por vossa causa;

E minha recompensa qual ha sido?
Um cativo barbaro. Este braço,
Este braço, de quem vossos contrarios
O peso já sentiram tantas vezes,
Inda traz o signal dos vossos ferros!...
Mas agora sou livre, agora posso
Vingar tantas injurias; sim, vingar-me....
Lançando-me nos braços de Vieira,
Ratificando emfim meus juramentos!
*(Lança-se nos braços de Vieira; e, a um aceno
seu, os Indios cahem de joelhos.)*

JACUHY, *à parte.*
Desgraça!

VIEIRA.
Camarão!

ANTONIO.
O' lealdade!

VIEIRA.
Querido amigo!
CAMARÃO.

Deos não recommenda
O perdão das injurias? Seus preceitos
Sigo, que sou christão. *(Aos Indios.)*
Filhos, erguei-vos.
Debaixo dos pendões da Lusitania
Inda haveis combater,

ANTONIO.
Soldado egregio!
Ditoso me julgára, se pudesse
Meu amigo chamar-te!
CAMARÃO, *apertando-lhe a mão.*

Oh! que este dia
Da minha longa vida é o mais bello!
De quanto padeci me não recordeo.
VIEIRA, *puchando da espada.*

Camarão! esta espada reconheces?
A mesma é que eu trazia no reduto
De São Jorge, onde, á frente d'alguns bravos,
A bandeira salvámos, resistindo
Tres dias o furor de tres mil Batavos.
Da minha mão has de accital-a.

CAMARÃO, *tomando a espada.*
Amigo,
Orgulhoso a recebo; e por Deos juro
Não depôr este ferro enquanto o Batavo
Este solo calcar.

VIEIRA.
Aos nossos bravos
Eu quero apresentar-te, amigo.

CAMARÃO.

Vamos!

(Todos sahem, menos Calabar e Jacuhy.)

SCENA III.

CALABAR, JACUHY.

JACUHY.
Então?

CALABAR.
JACUHY.
Então?

Com tal procedimento
De certo não contava.

CALABAR.
Do meu pasmo
Inda não acordei.

JACUHY.
Que bem merece
A paga que lhe deram!

CALABAR.
Mas embora
Inda avulte o partido de Vieira:
Não ha de triumphar. Já reflectiste
Naquillo que propuz-te?

JACUHY.
Reflecti.

CALABAR.
Então?
JACUHY.

Estou suspenso. Esse mancebo
Não m'aggravou.
CALABAR.

Concedo; mas, pertence
Aos nossos inimigos. Tambem sabes
Que, enquanto respirar, um só momento
Não terei de repouso. Aliás, Affonso
Tem subido valor: com sua morte
Fazemos um serviço á nossa causa.
O ensejo é favoravel: incumbido
De secreta missão, d'aqui não longe,
Tem que passar por senda tortuosa
Entre basto arvóredo. És bom frecheiro,
E sem risco nenhum....

JACUHY.
Algun escrupulo
Me pesa na consciencia.

CALABAR.
No que digo

Pódes acreditar. Dos conjurados
A causa está perdida. Os Hollandezes
Tem neste mesmo campo partidarios
Que as chammas vão soprando da discordia.
Dos seus desamparado, brevemente,
Verás Vieira, ou morto, ou fugitivo.
O Conselho Supremo assaz conhece
Quanto me deve; espera-me a fortuna,
E contigo reparto.

JACUHY.
Camarada,
Se em partilha sómente nos tocassem
Alguns bagos de chumbo, ou que de canhamo
Importuna coleira.... Impallideces.

CALABAR.
Vãos receios desterra; que elles nada
Suspeitam.

JACUHY.
Inda bem! Mas, se a promessa
Te esquecer?

CALABAR.
Que! de mim tão fraco juizo
Podes formar!

JACUHY, *depois de reflectir.*
Pois bem; conta comigo.

CALABAR.
A tua mão. Stá dito?

JACUHY.
Dito.

CALABAR.
Agora,
Não perder tempo!

JACUHY.
Adeos. *(A' parte.)*
Se t'esqueceres,
Eu te farei lembrar!

SCENA IV.

CALABAR, *depois* AFFONSO.

CALABAR.
Agora, Affonso,
Venha o que vier, o premio suspirado
Não lograrás. Aqui dirige o passo....
Pela amante procura.... Inda hás-de vel-a,
Porém, pela vez ultima. — Recêbe,
Amigo, os parabens.

AFFONSO.

De que?

CALABAR.

No campo,
Teu valor e teu zelo preconisam.
Ah! com quanto prazer ouvi a todos
Tributar-te louvores tão devidos!
Que glorioso futuro não te espera!

AFFONSO.

Se, inda a custo da vida, a minha patria
Visse livre, ditoso me julgára.

CALABAR.

Que nobres sentimentos!

AFFONSO.

Sentimentos
Que todos partilhamos.

CALABAR.

Caro Affonso,
Deixo-te: meu dever além me chama. *(Sahe.)*

SCENA V.

AFFONSO, e logo MARIA.

AFFONSO.

Já não póde tardar. Mas, ella chega.
Maria!

MARIA.

Estamos sós?...

AFFONSO.

Sós. Ah! quão lentas
Sinto longe de ti volver as horas!

MARIA.

Esperança, temor, tristeza, jubilo,
Alternos predominam neste peito;
E como não sentir tantos affectos,
Se na luta cruel vejo empenhado
Quanto prezo no mundo. E tambem sinto
Um remorso.

AFFONSO.

Um remorso?!

MARIA.

Sim, Affonso,
Um remorso. Vieira inda não sabe....

AFFONSO.

Ah! Maria! podia revelar-lhe

O nosso amor? Sem nome, sem fortuna,
Para á dita aspirar de possuir-te,
Não bastava mostrar uma coragem
Que todos igualaram. Não pudera
Arguir-me teu tutor d'atrevimento,
De louca presumpção?—Por nobres feitos,
Deixa Affonso illustrar-se; então, pedindo
A ventura sem par por que suspiro,
A Vieira direi: — Meu nascimento
É baixo; mas, o sangue que nas veias
Corria-me, verti-o pela patria;
E quanto a meus brasões, o ferro imigo,
Como a ti, m'os gravou no peito.

MARIA.

Affonso!

A alma tens a mais nobre; e Vieira ufano
Ha-de filho chamar-te. A teu desejo
Inda cedo: a verdade inda se encubra.
Mas ah! por esse amor que as almas nossas
Para sempre ligou, entre os horrores
Das armas, não te esqueça que Maria
Por ti spera,...

AFFONSO.

Esquecer tambem não posso
Que só com gloria hei-de alcançar-te. Agora,
Força é deixar-te.

MARIA.

Já!...

AFFONSO.

Assim o manda

O dever.

MARIA.

Obedece pois!

AFFONSO.

Maria,

Adeos!

MARIA.

Adeos, Affonso!

CALABAR, *chegando sem ser sentido, e com voz concentrada.*

Adeos eterno!

SCENA VI.

MARIA, CALABAR.

MARIA, *vendo Calabar.*

Ah! és tu, Calabar. Meu pai não viste?

CALABAR.

Aqui não tarda. Temos grandes novas.

MARIA.

Felizes?...

CALABAR.

Da Bahia, enfim, chegou-nos
A prometida esquadra; e dous mil bravos
Já tomam terra. — Iguarassú, Goyana,
Correm ás armas; e os Serinhaenses
Afundaram dous vasos inimigos.
Vidal, que em toda a parte acossa ao Batavo,
A Vieira veloce vem juntar-se.
Porém, chega teu pai. Vê quão risonho
Traz o semblante.

SCENA VII.

OS MESMOS VIEIRA.

VIEIRA.

Calabar, a Dias

Ligeiro esta orde' entrega.

Minha filha,

A victoria é por nós! *(Sabe Calabar.)*

MARIA.

Já tudo disse-me

Calabar.

VIEIRA.

Do Conselho um enviado
Audiencia me pede. Os inimigos
No proprio acampamento estão sitiados;
E Vidal, que voltou victorioso,
Lhes corta a retirada. Hoje pretendo
Offrecer-lhes combate.

MARIA.

Que! tão cedo?!

VIEIRA.

Sim: cumpre aproveitar seu desalento,
E não lhes deixar tempo a receberem
Novos reforços. — Filha, brevemente,
Havemos separar-nos....

MARIA.

Separar-nos?!..

VIEIRA.

Poz Antonio a consorte em segurança,
Emquanto tu.... Oh! não! não posso ver-te
Arriscada na luta. Partir deves.

MARIA.

E pudeste formar um tal designio?!
Eu, partir, e deixar-te assoberbado
De perigos sem conta, enquanto em salvo
Havia contemplar a tempestade?!
Tal cousa me não peças. Quer Maria
Partilhar tua gloria e teus perigos.

VIEIRA.

Ah! pondera! Se em mãos dos Holandezes
Cahir teu protector?...

MARIA.

Seu cativoiro

Compartirei.

VIEIRA.

E, se encontrar a morte,
Que refugio terás, ó filha!

MARIA.

A morte!

VIEIRA.

O' valor! ó ternura! — A tanto affecto
Não posso resistir. Ou fica, ou parte,
Ha-de o Céu proteger-te.

SCENA VIII.

OS MESMOS, CALABAR; depois MORIS.

CALABAR.

O' crime! O' crime!

O que succede?

VIEIRA.

CALABAR.

Affonso....

MARIA.

Affonso?!..

VIEIRA.

Acaba!

CALABAR.

Assassinado!

VIEIRA, MARIA.

Céos!..

CALABAR.

Occulta dextra....

MARIA.

Ah!.. *(Desmuita; e sabe Calabar.)*

VIEIRA.

Maria! Soccorro! — Moribunda,
E Affonso morto!! Ah! tudo já penetro!
Amavam-se! — Maria! quem te chama
E' teu pai! Já respira.... Filha!..

MARIA.

Dize-me....

Que horrivel illusão.... Mas, não no vejo!..
Onde está?!.. Tambem choras....

VIEIRA.

Desgraçada!

MARIA.

E' morto! é morto Affonso!

MORIS, *entrando.*

Affonso é vivo!

VIEIRA, MARIA.

Vivo!!

MORIS.

A ferida, posto que profunda,
Não é mortal.

MARIA, *ajoelhando.*

Meu Deos! eu te agradeço!

(Volvendo-se para Vieira, sempre de joelhos.)
Ah! da tua ternura não sou digna,
Bom Vieira....

MORIS, *a parte, em acto de retirar-se.*

Que escuto?...

MARIA, *a Moris.*

Ficar podes....

E' uma confissão. *(A Vieira.)*

Senhor, minha alma

Sentimentos nutria que devêra
Te revelar....

VIEIRA, *em tom severo.*

Maria!..

MARIA.

Ah! já de filha

O nome não me dás....

VIEIRA.

Esta postura

Só cabe a um criminoso....

MARIA, *com dignidade.*

Então, levanto-me.

Para ti posso olhar sem que do pejo
Denunciante rubor me suba ás faces.

VIEIRA.

Em meus braços! Ah! vem!

MARIA.

Meu pai!

VIEIRA.

Ingrata!

Podias tu temer que, deshumano,
Quizesse desgraçar quem desta vida

O peso ha tantos annos me allivia?!
Affonso tem virtudes; venturosa
Ha-de fazer-te; e tanto basta.

MARIA.

Ah! como

Agradecer podemos....

VIEIRA.

Só te peço

Que ao velho amigo nunca desampares.
Se longa a vida o Céu me conceder,
Meu arrimo serás.

MARIA.

Oh! de ti nunca

Hayemos separar-nos!

VIEIRA.

Vai de Affonso

Os males adoçar. Breve te sigo.

(Sahe Maria.)

Coitados! — E que tal? julgavam-me elles
Um tyranno?

MORIS.

Com todas as virtudes

Deos tua alma adornou!

VIEIRA.

Dever sagrado

Cumpro, Moris.

CALABAR, *chegando.*

Senhor, dos Hollandezes

O enviado chegou.

VIEIRA.

Entre.

MORIS.

Retiro-me.

VIEIRA.

Cedo conhecerás da conferencia
O resultado.

(Sahe Moris.)

SCENA IX.

VIEIRA, GUILHERME, CALABAR.

GUILHERME.

Vieira!

VIEIRA, *á parte.*

Deos! Guilherme!

(A Calabar, á parte.)

Minha filha d'aquí não se aproxime!

(Sahe Calabar.)

Mandaste-me pedir uma entrevista.

Estamos sós, senhor.

GUILHERME.

Quanto m'ê grato

Tornar a ver amigos!

VIEIRA.

Não os tenho

Entre os Batavos.

GUILHERME.

Mas....

VIEIRA.

Se as circumstancias

Não me obrigassem, nunca o fingimento
Empregára, senhor.

GUILHERME.

Se teu affecto

Era fingido, o meu era sincero;
E esse mesmo affecto, e não receios
Phantásticos, aqui guiou meus passos.

VIEIRA, *ironicamente.*

Agradeço.

GUILHERME.

Tão frio acolhimento

De ti não esperava; e, não obstante
A tua ingratição, não posso ver-te
Ao abysmo correr, sem que eu forceje
Por salvar-te. Debalde á Lusitania
Pede soccorro: a tua tentativa
O Senhor Dom João quarto desapprova.
E, com tres mil paisanos mal armados,
Sem lei, sem disciplina, lutar queres
Co'a potencia que outr'ora de Castella
O leão subjugou; com a potencia
Que, da mesma Inglaterra despresando
Os clamores, com frotas magestosas
Soberba cruza os mares assombrados!
Tão temerarios....

VIEIRA.

Oh! já se esqueceram

De que outr'ora, sitiados na Bahia,
Succumbindo ao valor desses paisanos
Mal armados, sem lei, sem disciplina;
Rotos esses pendões que tão soberbos
Tremulam sobre os mares assombrados,
Tiveram de fugir das nossas praias!
E que inda ha pouco.... Inutil porém fóra
Recordar-te successos tão recentes.

GUILHERME.

Ha-de perder-te a cega confiança
Que ephemos triumphos te inspiraram.

VIEIRA.

Nessas terriveis lutas que se travam
Entre um povo opprimido e seus tyrannos,
Da patria o santo amor, o desespero,
Do num'ro triumpharam muitas vezes.
Ao Batavo, só de ouro sequioso,
Um sordido interesse move á guerra;
Nós, pela liberdade combatemos!

GUILHERME.

Arranca, ó desditoso! a fatal venda,
E sonda o precipicio que te espera,
A não retrocederes nesta luta
De que sahir não podes victorioso.
São tuas intenções nobres e puras:
Teu amor ao Brasil, e não de fama
Vã cobiça tua alma abrasa; é certo.
O fito só puzeste em libertal-o
Do estrangeiro dominio; e generoso,
A tão nobre projecto sacrificas
Filha, amigos, fortuna e a propria vida.
Dir-me-has que á gratidão da tua patria,
Os applausos do mundo, hão compensar-te
Tão árduos sacrificios. Mas o povo
E' ingrato, e a desgraça injusta: os mesmos
De quem benções esperas, hão-de um dia
Maldiçoar-te, quando, esvaecidos
Os sonhos seus brilhantes, acordarem
Nos carceres, ao pé do cadafalso.
Dirão que do poder a sêde ardente
N'uma empreza insensata te arrojára;
Que com essas palavras sonoras
De patria e liberdade, tu sómente
A' mais louca ambição sacrificavas
Aquelles que imprudentes te seguiam.
E, se na luta a vida não perderes,
No terrivel momento em que da morte
O golpe n'um patibulo esperares,
Inconsolaveis mãis, tristes esposas,
Myrrhadas de saudades e miseria,
Espectros vingadores figurando,
Com clamores virão pedir-te conta
Do sangue dos esposos e dos filhos!!!

VIEIRA.

Ouvi-te com bastante paciência,
Senhor; e nada mais tens que dizer-me?

GUILHERME.

Vieira, tua empreza já custou-te
Immensos sacrificios; o Conselho
O sabe; e tambem sabe que dos povos,
Compassivo, alliviavas a miseria.

Ora, se, em qualquer parte que elegesses,
A' tua caridade livre curso
Inda pudesses dar....

VIEIRA.

Não comprehendo.

GUILHERME.

Mais claro fallarei. Se dous milhões
De florins....

VIEIRA.

Coronel! és um infame!!

(Descobrimdo o peito.)

Tu vês as cicatrizes gloriosas
Que cobrem este peito. Ellas attestam
Os esforços que fiz para expulsar
Do Brasil os piratas hollandezes;
Bravos conquistadores, que fulminam
Indezezias cidades, por roubar-lhes
Ouro manchado em sangue! E vens propôr-me
Que em troca desses roubos.... Miseravel!
Ao character que indigno revestiste
Podes agradecer, que, a não ser elle,
Tão vil procedimento com a morte
Castigára.

GUILHERME.

Assim pois....

VIEIRA.

Poucos instantes

Para o campo deixares te concedo.
Vai-te, perfido!

GUILHERME.

O sangue derramado

Recaia sobre quem acende a guerra! *(Parte.)*

VIEIRA.

Ah! que infamia!

SCENA X.

VIEIRA, CAMARÃO, CALABAR, ANTONIO, HENRIQUE, CONJURADOS; depois OCTAVIO.

HENRIQUE.

Senhor! Os Hollandezes

Proclamações espalham pelo campo
Capazes de aterrar os nossos bravos.

VIEIRA.

Aterral-os!

HENRIQUE.

Por si nada receiam;

Porém, sorte terrivel ameaça
Suas familias.

VIEIRA.
Como?

HENRIQUE.
O Gran Conselho
Quer, sob pena de morte, que, em tres dias,
Suas filhas e esposas desamparem
Suas habitações.

VIEIRA.
O' cobardia!
A's batavás mulheres asseguro
Asylo e amparo: guerra não fazemos
A donas indefezas.

HENRIQUE.
Declararam-nos
Traidores ao paiz; e já promettem
Seis mil florins a quem matar-te.

CAMARÃO.
Ah! venham!

VIEIRA.
E eu darei doze mil pela cabeça
De qualquer dos seus dignos conselheiros.

HENRIQUE.
Não é tudo, senhor. Aos insurgidos
Que ás armas depuzereim, offerecem
Gran premios; e ameaçam com supplicios
A quantos permançam fieis á patria.

VIEIRA.
Pois bem! de protector da liberdade
O tit'lo assumo; e guerra de exterminio
Havemos de fazer-lhes. — Ao combate!

TODOS.
Marchemos!!

VIEIRA.
Calabar, de minha filha
A guarda te confio. *(Rumor fóra.)*

OCTAVIO, chegando.
Impaciente
Por combater, o campo se alvoroça!

VIEIRA.
Partamos! — Poucos somos; mas, da patria
O santo amor abrasa as nossas almas;
E havemos triumphar! — Lembrai-vos, filhos,
Que assombrados a nós a vista inclinam
Santa-Cruz, Portugal, o mundo inteiro!
(Todos sahem, menos Calabar.)

SCENA XI.

CALABAR.

Ide! correi apoz esse fantasma
Que chamam gloria; e possais vós sómente
Morte ou ferros achar!
(Indo para a entrada da barraca.)
Maldito outeiro,
Que me tolhe o combate presenciar!
(Canhão e fusilaria ao longe. Volta Calabar para a frente da scena.)
E' decisiva a luta; e, se enganada
Não fôr minha esperança, em breve Hollanda
Ha-de calcar com planta victoriosa
Esses outros intrusos, que este solo
Adubaram c'o sangue dos legitimos
Senhores.

E comtudo; julgar-se-hia
Que um demonio os protege, que se esmera
Em frustrar-me os intentos! O segredo
Embora atraçoei; que não valeram
Esforços a abafar em sua origem
O incendio, que agora tudo abrasa!
Esse Indio despresivel, que a vingança
Chamava nas fileiras hollandezas;
Affonso, por milagre escapo á morte....
Mas, não desanimar! que não sou homem
Que vergue co'a procella. Meu desenho
Profundo seguirei firme; e não curo
De obstaculos, comtanto que os supere.

E quem a tantos crimes arrastrou-me?
A vingança não foi. Em vão quizera
Co'ella justificar-me aos proprios olhos.
Foi o funesto amor que neste peito
Ateou uma mulher que só com crimes
Posso gosar; a fria indiferença
Com que me mata essa mulher. Oh! antes
Quizera que me odiasse! Porém, vel-a
Abrasada por outro.... Não! não posso!....
Da frigida razão a voz me clama:
Luta, infeliz! arranca do teu seio
Esse amor fatal! — Ah! dizei aos astros
Que cessem de allumiar a noite; aos ventos,
Que represem os halitos; aos rios,
Que seu curso suspendam! — Se na luta
O homem succumbe, a Deos lançaí a culpa,
Que para triumphar lhe não deu forças!!
(Redobra o canhão e fusilaria.)
A briga se encrucece.... De que lado
Pende a victoria? Horrivel incerteza!
E' tempo de findares! — Mas, Maria....
Não a vejo.... Onde está, que do combate
Não vem saber noticias? Temerosa,
O desfecho do pleito aguarda.... ou antes,
Prodiga a meu rival afortunado
Disvelos que eu pagára com meu sangue!
Quero saber.... *(Moris atravessa a scena.)*

SCENA XII.

CALABAR, MORIS, depois AFFONSO.

CALABAR.
Meu pai!... aonde os passos
Dirigis?

MORIS.
Ao combate, onde ha mais tempos
Estivera, a não serem meus enfermos.

CALABAR.
Posso gemer das ordens que me prendem
Debaixo desta tenda, emquanto os outros
Combatem pela patria. Mas, de Moris
O lugar....

MORIS.
E' no campo da batalha,
Dos feridos ao lado! Não carecem,
Amigos ou contrarios, de soccorro,
Ou de quem os console na hora extrema,
Co'a palavra de Deos?!

CALABAR.
Mas, inimigos....

MORIS.
Não é meu inimigo o desgraçado!
(Grande rumor ao longe.)

CALABAR.
Esses clamores....
(Corre para fóra da barraca.)

MORIS.
Vamos!
(Chega Affonso mui pallido.)

MORIS, vendo Affonso.
Onde corres,
Infeliz?

AFFONSO.
Ao combate!

MORIS.
Tu deliras?

AFFONSO.
Co'a ferida não podes....

AFFONSO.
Pela patria
Posso verter o sangue que me resta.

HOLLANDEZES, ao longe.
Hourah! Hourah!

AFFONSO.
Escuta! Os Hollandezes
Triumpham!

MORIS.
Grande Deos!

AFFONSO.
Ao menos quero
Morrer no campo da batalha!
(Sahe Affonso precipitadamente. Indo tambem Moris para sahir, chegam alguns fugitivos consternados, clamando:)
E' morto

Vieira!

MORIS.
Sorte infausta! Só nos resta
Tambem morrer!
(Tapa o rosto com as mãos. Continua-se a ouvir o cahão. Moris torna em si, e clama como inspirado.)
- Ouvi esta voz funebre....
A voz da liberdade moribunda!
(Erguendo um crucifixo.)
Deos e patria! Segui-me! Colher vamos
A palma da victoria, ou do martyrio!
(Sahem.)

SCENA XIII.

CALABAR.

E' morto! é morto Vieira! e tambem morto
Seu partido! Acabou-se a guerra! — Affonso
Desta vez não escapa. Em fim, triumphas,
Triumphas, Calabar! — Mas, dentro de alma
Os transportes concentra. Tambem lagrimas
Has-de verter.... Sim, lagrimas de jubilo!....
Vai-se entregar a negro desespero
Maria; mas, o tempo ha-de minguar-lhe
A saudade, estancar-lhe o pranto; e um dia,
Sem amigos, sem patria, sepultada
Em pobreza, ha-de ser minha.

GRITOS, fóra.
Victoria!

CALABAR.
Não m'illudo!
GRITOS, fóra.
Victoria!

CALABAR, correndo á entrada da barraca.
Deos! Vieira!

Maldito!

SCENA XIV.

VIEIRA ferido, com a espada quebrada;
MORIS, OCTAVIO; alguns SOLDADOS.

MORIS.
Estás ferido.... Vem comnosco!

VIEIRA.
Deixai-me! que inda temos inimigos!...

OCTAVIO.

O campo á redea solta desamparam,
Juncado com seus mortos e feridos.

GRITOS, mui perto.

Victoria!

MORIS.

Ouves!...

SCENA XV.

OS MESMOS, VIDAL, CAMARÃO, AFFONSO,
HENRIQUE, ANTONIO, um joven MILI-
TAR, com a viseira descida; CONJURADOS
e SOLDADOS.

VIEIRA.

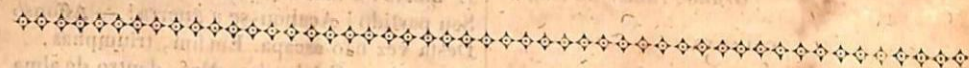
Vidal!...

VIDAL.

Dos Hollandezes
E' completa a derrota. Os fugitivos,
Spavoridos, no rio a morte bebem.

VIEIRA.

Filhos! outra victoria semelhante,
E Santa-Cruz é livre! — Mas, não vejo
O guerreiro que a vida, denodado,



ACTO TERCEIRO.

Sala n'uma casa de Vieira, nas immedições do Recife. — E' noite.

SCENA I.

VIEIRA, sentado junto a uma mesa, cheio de
tristeza; MARIA, em pé, ao lado delle.

VIEIRA.

O' revez! O' desgraça! — Os Hollandezes
Cercamos no Recife; mas, que é feito
Da nossa frota? — Aniquilada! — Tantos
Companheiros nas ondas submergidos!
O' Paiva! O' Paiva! heróe cuja memoria
Ha-de eterna viver, que sorte infausta
A' patria te roubou! Remir puderas
Co'a liberdade a vida, e preferiste
Morte illustre. —

MARIA.

Senhor....

Arriscou por salvar a minha....

(*Approxima-se o mancebo.*)

Ah! deixa-me
Ver o meu salvador.

MARIA, erguendo a viseira.

Eil-o.

TODOS.

Maria!...

VIEIRA.

Minha filha!!!

MARIA, commovida.

A promessa desempenho...

Sempre, sempre a teu lado!...

VIEIRA.

Ah! como os ferros

Não havemos quebrar dos Hollandezes.

Se até, para do jugo libertar-nos,

A timida donzella arma seu braço!

(*Abrindo os braços.*)

Minha filha!...

MARIA, lançando-se nos braços de Vieira.

Meu pai!...

TODOS.

Gloria a Maria!

FIM DO SEGUNDO ACTO.

Confia teus pesares: no infortunio

A voz da religião só nos consola.

(*Maria beija a mão a Vieira, e retira-se.*)

Na aurora da existencia, quantas lagrimas

Não tens vertido já?! e só Deos sabe

A sorte que o futuro te reserva.

SCENA II.

VIEIRA, VIDAL.

VIDAL.

Exultemos! A frota destinada
A proteger Bahia, lança ferro
Em Nazareth. Seu bravo commandante,
Magalhães, se approxima.

VIEIRA.

O' dita! — Cumpre

Que nos Batavos golpe derradeiro
Dê comnosco. Ha-de ouvir as nossas supplicas,
A voz da gloria, voz que sempre sóa
N'um peito lusitano!

VIDAL, pensativo.

Mas, se a côrte....

VIEIRA.

Eu por tudo respondo affouto. — O caso
E' de vida ou de morte. — Ha-de a victoria
Tudo justificar. Mas, se enganada
Minha esperança fôr, ao pé do trono
Tranquillo irei levar minha cabeça!

VIDAL.

E eu te seguirei!

VIEIRA.

Vamos!...

SCENA III.

CALABAR, depois JACUHY.

CALABAR, pensativo.

Previsto

Tudo está. — Quem vem lá?!

JACUHY.

Eu.

CALABAR.

Quem?!

JACUHY.

Amigo.

CALABAR, reconhecendo-o.

Ah!...

JACUHY.

Estás só?...

CALABAR.

Estou.

JACUHY.

Tão agitado

Nunca te vi. Acaso hesitarias,
Tu que tão resolutos mostravas?

CALABAR.

Eu! hesitar á vista de tal premio!
Tanto não me adiantei para cobarde
Retroceder. — Aliás, nenhum perigo
Corremos nós. — Tratei c'o Gran Conselho
De potencia a potencia.

JACUHY.

E em mim fallaste?

CALABAR.

Aos Batavos, a vida de Vieira;
A Jacuhy, riquezas; e Maria
Ao feliz Calabar! — Mal ao Recife
Chegarmos — Um navio está já prestes —
Partimos para Hollanda.

JACUHY.

Quem me dera

Lá chegar a meu salvo!

CALABAR.

De Maria

O quarto é retirado, e para o campo
Tem janellas. Os guardas que diante
Postaram, são transfugas seduzidos
Que hão-de fugir comnosco. No aposento
Entrarás de Maria, c'o pretexto
De fallar-lhe da parte de Vieira.

(*Dando um lenço a Jacuhy.*)

C'o este lenço seus gritos....

JACUHY.

Abafados.

(*Troveja ao longe.*)

CALABAR.

Chuva, trevas, trovões... tudo segunda
Nosso intento. Hollandezes disfarçados
Por ti, não longe, hão de esperar. A senha
É — Cautela. —

JACUHY.

Cautela. Não me esquece.

CALABAR.

Antes que desta noite tormentosa
O sol dissipe as sombras, a meus golpes

Vieira ha de cahir; ha de sua vida
Svaecer-se... como um destes relampagos!
Então, aproveitando os Hollandezes
Do sitiante a magoa, o desconcerto,
Poderão de uma vez aniquila-lo.

JACUHY.

Viva Deos! Este plano tenebroso
Do proprio Satanaz é digno.

CALABAR,

Vieira se avisinha... Segue-me...

SCENA IV.

VIEIRA, VIDAL; depois, HENRIQUE,
CAMARÃO, MORIS, ANTONIO, e mais
CONJURADOS.

VIEIRA.

O caso se derrame. Pelo campo

VIDAL.

Avisados por mim, aqui não tardam.
Quanto ás ordens chegadas da Bahia...

VIEIRA.

Eu não posso approva-las. — Os mais chefes
Ouçamos; o negocio consultemos
Com todos. — Elles chegam...

(Entram os conjurados).

Companheiros
Temos certa a victoria, que se ajunta
De Magalhães a frota ás nossas forças.

ANTONIO.

Feliz successo!

VIEIRA.

E ao despontar da aurora
O Recife atacamos.

CAMARÃO.

Deos louvado!

HENRIQUE.

Exultemos!

SCENA V.

Os MESMOS, MARIA; depois AFFONSO.

MARIA.

Senhor! ás nossas supplicas
Deos emfim deferio: Affonso chega!
Mas, em que estado!

TODOS.

Affonso!

AFFONSO, entrando pallido, cançado, com
o cabello descomposto.

Em fim! vingado

Está nosso desastre! Dos contrarios
Tres náos presa das chammas!

VIDAL.

Que successo!

VIEIRA.

Quem poude...?

AFFONSO.

Com longuissimos rodeios,
Transpondo, solitario, vastos páramos,
Invios bosques, apoz muitos perigos,
O mar re-avistei! D'alli, envolto
Em densa escuridão, ligeira barca
Conduzio-me ao Recife. Da vingança
Inflammado, invocando ao grande Paiva,
Aos vasos inimigos lancei fogo;
E, no meio do assombro, do tumulto,
A' salvo regresssei.

VIEIRA, abraçando Affonso.

Glorioso feito!

VIDAL.

Affonso, tal façanha só bastará
Para immortalisar-te!

VIEIRA.

E são taes homens
Que esperavam guardar em cativoiro!
Avante, bravos socios! e yeremos
Esses dominadores insolentes
Fugir das nossas praias, ou juncando
Com cadav'res o solo que usurparam.
Das ordens que recebo da Bahia
Cumpre-vos inteirar. Manda o governo
As estancias queimar, afim que, caso
Sorte adversa tenhamos, as não logrem
Os nossos inimigos. Mas, podemos
A taes ordens annuir? Nós, até agora,
C'os productos da terra sustentámos
Esta luta mortal, que toca ao termo;
E quando a usurpação se em vão retorce
Entre arrancos de morte, deveremos,
Com cega obediencia, d'um só golpe,
Reduzir á miseria tanta gente?

TODOS.

Não! Não!

MORIS.

Concordo em tudo com Vieira.

Fôra absurdo. CAMARÃO.

ANTONIO.

De certo.

HENRIQUE.

Tal medida

Mais funesta seria aos Brasileiros
Que aos mesmos Hollandezes.

TODOS.

E' verdade!

VIEIRA, a Vidal.

Tu, que dizes?...

VIDAL, a Vieira, á parte.

Vieira, conhecemos
O teu desinteresse. Mas, não temes
Que invejosos da gloria tua assoalhem....

VIEIRA.

Não mais! Não mais! — Aquelles que Vieira
Suspeitasse tão vil, para estes sitios
Havia de arrastal-os, e dizer-lhes,
Como agora vos digo:

(Corre á porta do fundo, que abre arreba-
tadamente; e apparece o horizonte todo inflam-
mado.)

Vêde! Vêde!!

TODOS.

Fogo! Fogo!!

OCTAVIO, chegando.

Senhor, obedeci-te.

VIEIRA.

Onde layra o incendio, vendo a terra
Alastrada de cinzas, dirão: — Vieira
Condemnou-se á pobreza, dando ás chammas
Os seus campos, afim que a vil calumnia
Lhe não possa dizer: Antepuzeste
A propria conveniencia ao bem da patria!

TODOS.

Viva Vieira!

VOZES, fóra.

Viva!

VIDAL.

Dos teus bravos
Ouve as aclamações que nos respondem!

VIEIRA.

Amigos, ao descanso breve espaço

Podemos conceder. Ao romper da alva,
De armas apercebei-vos.

(A Affonso.)

Tu demora-te.

(Os chefes saúdam Vieira, e sahem.)

SCENA VI.

VIEIRA, MARIA, AFFONSO.

VIEIRA.

Caro filho!...

AFFONSO.

Ah! senhor...

VIEIRA.

Sim, és meu filho:

Como tal te criei; e meus disvelos
Bem compensados vejo! Nome illustre
Grangeaste. A ventura só te falta....

(Pegando a Maria pela mão, e apresentando
a Affonso.)

Ei-la!

MARIA.

Meu pai!

AFFONSO.

Ah! como agradecer-te

Tanta dita?...

MARIA.

Senhor! a tua benção!

(Ajoelha, e tambem Affonso.)

VIEIRA, estendendo as mãos sobre elles.

Sim! Deos vos abençõe no firmamento,
Como eu cá sobre a terra!

(Levanta-os; e, dirigindo-se a Affonso.)
Não te peço

Que a faças venturosa: quem adora
Seu paiz ha de amar sua familia.

AFFONSO.

— Patria! Esposa! — Não quero outra divisa.

VIEIRA.

Afanoso ha-de ser o dia, Affonso:
Algum repouso cumpre tomar. Ide,
Meus amigos, meus filhos!

(Affonso beija a mão a Vieira; e este abraça
a Maria. Vieira, vendo Affonso em acto
de retirar-se, diz-lhe:)

Tua noiva

Não abraças?

AFFONSO dá um beijo em Maria; precipitando-
se nos braços de Vieira, exclama:)

Meu pai!

(*Maria e Affonso sahem, cada um por seu lado; e Vieira, de braços encruzados, os acompanha com a vista.*)

SCENA VII.

VIEIRA.

Quanto m'ê doce
Firmar-lhes a ventura!

Tudo pende
Deste combate. Se não desferirmos
No usurpador um golpe decisivo,
Inda pôde esperar novos auxilios,
E talvez.... Deos! attende ás minhas supplicas!
Victoria nos concede; e satisfeito
Morrerei. Veja na hora derradeira
Ondear nosso estandarte nesses muros
Inda preza dos Batavos; não calquem
Com insolente pé as minhas cinzas,
E dormirei tranquillo nesta terra,
A preço do meu sangue resgatada.

(*Pega na alampada, e sahe.*)

SCENA VIII.

CALABAR.

(*Chega com precaução, com uma carta na mão. Está muito agitado. Presta o ouvido, e fica algum espaço silencioso.*)

Tudo jaz em silencio; ao Recife
Maria já conduzem; e Vieira
Entrega-se ao repouso. — Animo! Vamos!
O momento chegou. —

(*Dá alguns passos, e pára.*)

Mas, da minha alma
Que temor invencível se apodéra?!
Socegemos.... que trago no semblante
Estampado o meu crime!! — E que receio
Me pôde accometter? — A cousa é facil!
Esta carta lhe entrego; e, ao mesmo tempo,
(*Sacando um punhal.*)
No seio este punhal.... Oh! que eu não possa
Suffocar essa voz.... voz lamentavel!
Que no peito me clama: — Piedade!
Teu bemfeitor, teu pai é quem degolas!
Aquelle que na infancia....

(*Deixando cahir o ferro.*)

Ah! nunca! nunca!

Fujamos!

(*Com tremor convulsivo, e delirante.*)

Mas, que vejo! Não me illudo!
De meu funesto amor escarnecendo,
Em braços do rival está Maria!...
(*Levantando o punhal.*)
Ah! desgraça! desgraça! A raiva, o ciume,
Do inferno ás furias todas me laceram!
Embora vingador o Céu troveje,

Embora horrorisada trema a terra,
Já não resisto.... ah! não! sómente posso
Com o sangue do pai comprar a filha!!!
(*Dirige-se para o aposento de Vieira.*)

OCTAVIO, *de fóra.*

Alerta!

CALABAR.

Deos!...

OCTAVIO, *de fóra.*

Alerta!

CALABAR.

Estou perdido!

(*Batem. Calabar vai abrir perturbado, e entra Octavio.*)

SCENA IX.

CALABAR, OCTAVIO.

CALABAR.

Silencio!

OCTAVIO, *agarrando a Calabar pela vestia.*

Quem és tu?

CALABAR.

Cala-te! Deixa-me!

OCTAVIO.

Traição!

CALABAR, *cravando-lhe o punhal.*

Cala-te agora!

OCTAVIO, *que vai cahir atraz da mesa.*

Ah!

CALABAR, *ás pessoas que vem chegando.*

Vinde! vinde!
Atraídoados estamos! (*Sahe.*)

SCENA X.

VIEIRA, AFFONSO, MORIS, VIDAL,
HENRIQUE, ANTONIO, CONJURADOS.

VIEIRA.

Que succede?

CAMARÃO.

Ignoramos. Topei com Calabar,
Que gritava — Traição! —

OCTAVIO.

Ah!...

ANTONIO.

Deos! Octavio!

AFFONSO.

Octavio assassinado!

TODOS.

Assassinado!

MORIS.

Que mysterio!

VIEIRA.

Ah! soccorros!

OCTAVIO.

São baldados....

A ferida.... é mortal....

VIEIRA.

O assassino....?

OCTAVIO.

Calabar....

TODOS.

Calabar!...

OCTAVIO.

O golpe... Vieira...

A ti... se destinava...

TODOS, *menos Vieira.*

O' crime!

OCTAVIO.

Escuta....

Deste sitio não longe... homens armados
Uma dama roubavam....

VIEIRA, *sahindo.*

Minha filha!!

AFFONSO, *seguinto-o.*

Maria!

ANTONIO.

Infernal trama!

OCTAVIO, *expirando.*

Ah!...

MORIS.

Morto! Morto!

Infelice!

VIEIRA, *voltando com Affonso.*

Roubada!

AFFONSO.

O' desespero!

VIEIRA.

Minha filha! Malditos!

AFFONSO.

Ah! Corramos!

VIEIRA.

Sim! Corramos! Segui-me!

VIDAL.

Os Holandezes

O golpe desferiram. Tua filha
Nos muros do Recife é prisioneira.
(*Trombeta ao longe.*)

HENRIQUE.

Ouvi! A aurora já desponta ... A's armas!

VIEIRA, *brandindo a espada.*

A's armas! Ao Recife!...

TODOS.

Ao Recife!

(*Tambores e clarins ao longe.*)

FIM DO TERCEIRO ACTO.



ACTO QUARTO.

Sala no palacio do Conselho Supremo: Portas lateraes; no fundo, outra, pequena, e fechada. — Ao longe, canhão e fusilaria.

SCENA I.

DUHAMEL: *passa muito agitado; tange uma campainha; e aparece um CRIADO.*

CRIADO.

Senhor....

DUHAMEL.

Mal o Conselho reunido
Estiver, dar-me-has parte.
(Inclina-se o criado, e sahe.)

Inda não volta!...
Horriavel incerteza! A nossa sorte
Vai decidir-se. — Tantos sacrificios,
Tanto sangue; e n'um dia perder tudo!
E não ter succumbido esse Vieira,
Esse genio infernal, que só podia
Arrancar-nos a preza! — Porém, n'alma
Inda me luz um raio de esperança.
Se Maria....

SCENA II.

DUHAMEL, GUILHERME; *depois o CRIADO.*

DUHAMEL.

Ah! Guilherme!...

GUILHERME.

Branquejam quatro vélas....

DUHAMEL.

Salvos! Salvos!...

GUILHERME.

Perdidos! — Chegam tarde.

DUHAMEL.

Que proferes?!

GUILHERME.

Nos contrarios recresce o brio; e os nossos
Esmorecem.

DUHAMEL.

Cobardes!

GUILHERME.

Spavorido,
Quer-se o povo render.

DUHAMEL.

Não ha refugio.

GUILHERME.

Um unico nos resta. Nestes muros
Temos presa Maria. Breve tregoa
Nos conceda Vieira; e libertamol-a.
Um só dia!

DUHAMEL.

Ao tutor escreva!...

GUILHERME.

Vou dictar-lhe. A carta

CRIADO, chegando.

O Conselho. *(Sahe.)*

DUHAMEL.

Só nos resta
Este recurso. Emprega as artes todas;
Se acaso resistir....

GUILHERME.

Em mim descança.

(Sahe Duhamel por uma das portas lateraes; Guilherme pela do fundo, e volta imediatamente trazendo Maria pela mão.)

SCENA III.

GUILHERME, MARIA.

MARIA.

Onde estou? Que me querem?

GUILHERME.

Vem, Sra.!

MARIA, reconhecendo Guilherme.

Deos! Guilherme!.. O malvado que no sangue...

GUILHERME.

Illudiram-te.... A sorte dos combates....

MARIA.

Vai-te! Vai-te! que o ver-te me horrorisa!

GUILHERME.

Não temos que estragar um só momento.
Tu vás ser livre....

MARIA.

Livre!

GUILHERME.

Dentro em pouco.

MARIA.

Venceram nossas armas!

GUILHERME.

Não venceram.

Escreve, escreve já.

MARIA.

A quem?

GUILHERME.

A Vieira.

MARIA.

A Vieira! e a que fim?

GUILHERME.

Queres-te livre?

Escreve: vou dictar.

MARIA.

Estou confusa....

(Irresoluta, senta-se á mesa, e escreve o que lhe vai dictando Guilherme.)

GUILHERME, dictando.

Sou cativa nos muros do Recife.
Se queres abraçar-me, subtrahir-me
Aos perigos, aos ferros, sem demora
Aos Batavos concede....

MARIA, parando.

Que?

GUILHERME.

A tregoa....

MARIA, levantando-se, e rasgando o papel.

Nunca!

GUILHERME.

Senhora!...

MARIA.

Que! de Souza a filha
A Vieira pedir uma baixeza!
Por preço de uma infamia a liberdade
Remir! Ah! por ti proprio me julgavas!

GUILHERME.

Mas, olvidas que em ferros inda jazes?!

MARIA.

De que sou Brasileira me recordo!

GUILHERME.

Brevemente verás entre estes muros
Manietado o cabo dos rebeldes;
E caro ha-de pagar teu louco arrojo!

MARIA.

Ha-de cedo Vieira libertar-me,
Ou vingar minha morte!

GUILHERME.

Tu deliras!
Dos batavos guerreiros os clamores
Ouve!

MARIA.

Escuto o canhão da Lusitania,
Que prostra vossos muros, que fulmina
Os ultimos padrões da tyrannia!

GUILHERME, apertando o pulso a Maria.

Ah! resistes!... Escreve!

MARIA, reprimindo um grito de dor.

Antes a morte!

GUILHERME, puchando de um punhal.

Escreve já, ou....

MARIA.

Fere! eis o meu peito.

SCENA IV.

Os MESMOS, CALABAR.

CALABAR.

Por ti clamam, Guilherme.... Deos! que vejo?!
Maria! Onde esconder-me?

MARIA.

Nestes sitios

Calabar! O' traição!

GUILHERME, a Maria.

Em vão confias,

No soccorro de Vieira: antes que o vejas,

Havemos jazer todos sepultados
Nas ruínas do castello. (*Sahe.*)

MARIA.

Deos clemente!

Vença Vieira, o batavo succumba,
E placida verei chegar a morte!

CALABAR, *estremecendo.*

A morte!

MARIA.

Seu aspecto te horrorisa;
E não te horrorisaste quando o sangue
Vendeste dos irmãos! Que infernal dextra
Ao crime conduzio-te, desgraçado!

CALABAR.

A raiva, o desespero, as fúrias todas
Que amor póde atear n'um peito humano.

MARIA.

Que escuto!

CALABAR.

Estou perdido. Ha-de este dia
Allumiar minha hora derradeira;
Mas, não quero morrer sem que conheças
Quaes tormentos por ti soffri.

MARIA.

Ah! Cala-te!

Cala-te, miseravel!

CALABAR.

Longo tempo
Calei-me; mas agora teus d'ouvir-me;
Tens d'ouvir-me, inda quando cada instante
Um sec'lo me custasse de tormentos.
Sim! vendi meu paiz, lancci-te em ferros;
Fiz mais, sangue verti....

MARIA.

Sangue!

CALABAR, *com riso frenetico.*

Socega....

Teu amante escapou; Vieira é vivo....
Matei quem m'estorvou matal-o!

MARIA.

Vieira!

Teu bemfeitor! Cruel!

CALABAR.

Mas estes crimes,
Por ti os perpetrei, por ti que eu amo
Com cego frenesi, co'as fúrias todas
D'um concentrado amor; c'o fogo ardente
Que o sol abrasador da nossa America

Ateára nas almas indomaveis
Dos seus errantes filhos. Oh! não sabes.
Meu supplicio qual era. Cada dia,
Medrar via essa chamma que o teu seio
Abrasava por outro; e, miseravel!
Havia eterno concentrar no peito
Tormentos que esse pcito espedaçavam!

MARIA.

Revelação funesta!

CALABAR.

Foste a causa

Da minha perdição; porém de balde
Não me cavaste a ruína. Essa influencia
Fatal, que presidio á minha vida,
Ha-de estender-se á tua. Se Vieira
Triumphar, serás livre; mas vingado
Morrerá Calabar; que, longo tempo
Depois da minha morte, a voz extrema
Ouvirás resoar do moribundo.
Recordações funestas hão continuas
Tua fronte annuiar, murchar-te as faces.
Crerás, d'horrivéis sonhos avexada,
Nos braços do consorte achar refugio;
Mas, entre Affonso e ti verás erguer-se
De Calabar o spectro inexoravel!!

MARIA.

Infeliz! Horrorisam-me teus crimes,
Teu amor infernal; e todavia,
Eu não posso deixar de lamentar-te
A cegueira, o delirio. Insensato!
Sobre nós o trovão medonho echôa;
Este solo estremece, estas abobadas
Em ruínas ameaçam sepultar-nos;
E d'amores me fallas, de vingança!
Talvez bem cedo a morte nos arroje
Ao pé do tribunal d'um Deos irado,
D'um Deos que ha de peilir-te estreitas contas
Do sangue, da traição!

CALABAR, *sombrio.*

Tarde o conheço....

Um Deos ha que castiga!...

MARIA.

E que perdôa!!

Calabar' torna em ti; vê que um instante
De vera contrição póde a tua alma
Remir, purificar. Mas esse instante,
Se o deixas esvaír-se, ai de ti! Duro
Juiz has-de encontrar, que em tua frente
Ha-de o sello estampar do reprovado.
Apoz a vida, a morte; apoz o crime,
Expiação tremenda! E nos abysmos
Fechados sobre ti, com desespero,

Ouvirás retumbar em teus ouvidos
Esta voz pavorosa — Eternidade!!

CALABAR, *horrorisado.*

Basta! Basta!

MARIA, *pondo as mãos.*

Senhor! Senhor! tua obra
Não deixes incompleta! Em vão teu filho
O sangue não verteu na cruz! Piedoso....
Mas escuta! (*Entra Guilherme.*)

CALABAR.

Guilherme!

GUILHERME.

Inferno! Segue-me!

MARIA.

Partamos!

CALABAR, *querendo-os separar.*

Que pretendes?

GUILHERME, *empurrando Calabar, que vai ca-
hir a alguns passos.*

Miseravel!

MARIA.

Constancia, Calabar! Vamos!

GUILHERME.

O' Vieira!

Só calcando c'os pés o seu cadaver,
Tu chegarás a nós!

MARIA.

Morra Maria,
E triumphe a justiça, a liberdade!!

SCENA V.

CALABAR, *tornando a si; depois JACUHY.*

Ah! Suspende! Corramos!... Mas na terra...
Arraigam-se meus pés... O céu troveja...
Negra sombra me envolve; e hediondo espec-
tro....

A sorte que me aguarda ali me aponta....
Jaz em terra a potencia da Batavia...
Oppresso de grilhões, por entre o povo,
Ao som de vituperios já caminho...
E, em torno do medonho cadafalso,
Ouço bradar a turba enfurecida:
Morte! Morte ao traidor! — Mas, sinto pas-
sos.... (*Entra Jacuhy.*)

Ah! Jacuhy!

JACUHY.

Tudo é perdido!

CALABAR.

Tudo!

JACUHY.

Aberta estreita brecha, o sitiante
Ao assalto corria. Eis que nos muros
Descobre-se Guilherme, que a Maria
Traz de rojo; e, c'o ferro levantado,
Ameaça feril-a se o ataque
Não suspendem. De espanto os inimigos
Immoveis permanecem; e de Vieira
N'alma duro combate se levanta.
Vence em fim o dever; e, suffocando
Os soluços que as vozes lhe impediam:
— Avante! — clama, e com dobrada furia
Proseguem na investida. Ao ponto extremo,
Quando a victima á morte se apparelha,
Com horrido ribombo salta aos ares
Parte do forte; e, á frente dos amigos,
Por entre espesso fumo, rubras chammass,
Aos contrarios Affonso se arremessa.
Encarniçada luta então se trava.
Da matança no meio, eis que Maria,
Um terço empunhando, ao seu verdugo
Arremette, e sem vida o lança em terra,
Bradando: — Matador do nobre Telles!
O castigo recebe de uma filha,
Que vinga do seu pai a morte infausta!

Entretanto, c'os mais pelejadores,
Aos muros assomou tambem Vieira.
Vista assombrosa! O genio dos combates
Semelha: arde em furor; braveja; os olhos
Chammass rutilam; seu pesado alfange,
Qual corisco medonho, sulca os ares,
E sangue, e morte, e horror em torno espalha!

O Batavo, já surdo á voz dos cabos,
Do vil temor cortado, perde o campo;
E já nos rotos fumegantes muros
Resplandesce o pendão da Lusitania!

CALABAR.

E que um raio do Céu me não fulmine!
Nos mais profundos antros dos infernos,
Potencias tenebrosas, sepultai-me!

JACUHY, *com ironia.*

Será breve cumprido esse desejo;
Mas, não é tempo agora de occultar-se.
(*Terrivel, e agarrando-o pela gola da vestia.*)
Tu metade do premio me offertasse...
Tempo é de repartirmos. Segue-me!

CALABAR, *desvairado.*

Aonde!

JACUHY.

Aos golpes acabar dos Portuguezes,
Ou comigo subir ao cadafalso!

CALABAR.

Não! Supplicio affrontoso não me espera!
Eu corro a combater, mas pela patria.
O Céu é que me inspira. Não resisto.
Meus crimes já detesto, e ainda posso
Com minha morte expiar a minha vida!
(*Sahe arrebatadamente, e Jacuhy o segue.*)

MUTAÇÃO.

*As alluidas fortificações dos Hollandezes,
em parte das quaes ainda lavra o incendio.
No fundo, por entre as ruinas, descortina-se
pequena parte do exercito luzo-brasileiro, que
é supposto estender-se ao longe. No horisonte,
o mar, com quatro velas mui distantes.*

SCENA VI.

*Musica marcial. Chega MARIA, em triumpho,
ladeada de VIEIRA e AFFONSO;
CHEFES, CONJURADOS, &c. SIGISMUNDO.*

MARIA.

Meu pai!...

ALGUMAS VOZES.

Viva Maria!

TODOS.

Viva! Viva!

VIEIRA, a Sigismundo.

De sobra te conheço, Sigismundo,
Por julgar-te culpado na perfidia
Que usaram os cobardes Conselheiros.
A morte mereceram... Mas, seu sangue
Nada póde ajuntar á nossa gloria.
Sejam soltos. Parti; ide á Batavia
Dizer que o Portuguez, o Brasileiro,
Sabem vencer e perdoar. — Trahió-te
A fortuna; o valor, nunca. Esta espada
Te restituo; e possas empregal-a
N'uma causa mais justa.

SIGISMUNDO.

Duas vezes
Venceste-me. Tens alma tão subida
Quam subido valor.

(Em voz baixa.)

Possa algum dia
Achar no vencedor um fiel amigo!

VIEIRA, vendo Henrique a quem falta a mão
direita.

Deos! a mão que valente...

HENRIQUE, atalhando-o.

No combate
Ficou; mas, outra resta com que a espada
Empunhe em pró da patria!

VIEIRA.

Bravo Henrique!

Com buril immortal, teu nome illustre
Ha-de a Historia gravar!

SCENA VII.

OS MESMOS, CALABAR, ferido, sostido por
dous homens; MORIS.

ANTONIO.

Eis o malvado!

TODOS, menos Maria.

Calabar! O traidor!

MORIS, com voz forte.

Um moribundo!

VIDAL.

Indigno de tal fim!

CALABAR.

Odio, castigo,
Tudo mereço... Mas, neste momento
Terrivel, em que Deos a si me chama,
Os remorsos de sobra me castigam.
Talvez a minha morte attenuar possa
O horror que ha-de causar a minha vida...
Morro por vossa causa.

(Cahindo de joelhos.)

Piedade!

Perdão, Vieira, Affonso; e tu, Maria,
Em nome de Maria Gloriosa,
Perdoa ao criminoso arrependido!
Não desça á sepultura carregado
Com vossas maldições.

AFFONSO E MARIA.

Sim! piedade!

VIEIRA.

Morre em paz, infeliz. Um Deos clemente,
Como te perdoamos, nos perdoe!

CALABAR.

Obrigado.

(Volvendo-se para Moris.)

Meu pai!

(Moris ajoelha ao pé de Calabar moribundo,
e apresenta-lhe um crucifixo. Todos ajoelham.
Musica religiosa piano-piano.)

MORIS, em tom solemne.

Em Deos espera!

A justiça dos homens te condemna;
E em nome desse Deos grande, piedoso,
Que na Cruz expirou por resgatar-nos,
Eu te absolvo!

CALABAR, beijando o crucifixo.

Senhor! Misericordia!

(Morre. Todos se erguem.)

CAMARÃO.

A luta terminou-se; e, brevemente,
Ao seio voltarei da minha tribu,
Dos vossos altos feitos conservando
Recordações eternas, gloriosas.
Se algum dia, porém, sobre estas plagas
Ribombar o canhão dos estrangeiros;
Se de novo tentarem subjugar-nos,
Se bem que enfraquecido pelos annos,

Dos meus filhos á frente, como outr'ora,
Virei vencer convosco, ou na peleja
Exhalar o suspiro derradeiro!

VIEIRA.

Oh! que expressar não possa os sentimentos
Que no peito revolvo! Por mim fallem
As lagrimas que choro... Doces lagrimas!
Dia fausto, immortal! — Co'a liberdade,
Conquistámos a paz...

(Arremessando ao longe a espada.)

Longe este ferro

Que empunhei pela patria! Em mim só vedes
Vosso compatriota, vosso amigo!...
Oh! que nobres destinos não se antolham
A' terra que brotou tão nobres filhos!
Troai! troai, canhões! soai, trombetas!
É livre Santa-Cruz! e nossa gloria,
Triumphante das éras, sóbe aos astros!!!

(Canhão, musica marcial.)

FIM DO DRAMA.

PARECER.

da Comissão de Censura ácerca do drama em tres actos e em prosa intitulado

FERNANDES VIEIRA OU PERNAMBUCO LIBERTADO.

Li este drama historico, intitulado FERNANDES VIEIRA, e formado sobre factos dos annaes brasileiros da restauração de Pernambuco, no tempo dos Hollandezes, e o julgo muito digno de representar-se; sendo bem para desejar-se que desta arte se concorresse a crear um theatro nacional brasileiro, aproveitando-se muitos factos heroicos, de que abunda a nossa historia, e que, trazidos á recordação dos espectadores por hum escriptor habil, como o deste drama, não deixariam de produzir effeitos gloriosos.

Rio de Janeiro. 28 de março de 1840.

C. Barbosa.

Sou do mesmo parecer. Rio de Janeiro, 19 de dezembro de 1840.

A. Vianna.

Duas palavras do autor.

Desejoso de trasladar para a scena algumas paginas brilhantes da historia do Brasil, escrevi, em tres actos e em prosa, o drama *Fernandes Vieira*, e submetti-o ao juizo da Illustrissima Comissão de Censura Theatral.

Foi á vista do tão indulgente quão animador parecer que eu obtive que resolvi-me a ampliar o meu drama e versifical-o, sem ponderar, como o deveria ter feito, as immensas, e para mim insuperaveis, difficuldades com que teria de lutar, escrevendo em verso n'uma lingua estranha, n'uma lingua que eu não aprendi na infancia. Só depois de concluido o meu trabalho é que cahí em mim, e conheci que eu me mettera n'uma empreza demasiado temeraria. Tive tentações de tudo lançar ao fogo; e não houvera hesitado, a não ser nacional o assumpto. Se alguma cousa póde desculpar-me, é esta.

Em vez pois de desanimar, tornei ao estudo, e tratei de melhorar a minha linguagem, o que eu fiz com um cuidado e perseverança talvez dignos de melhor resultado. Atéqui, em quanto ao estylo.

Emquanto aos outros defeitos, bem sei que são numerosos; e não podia deixar de ser assim. Uns nascem da impericia do autor, outros do mesmo assumpto, da difficuldade de reduzir ás estreitas proporções de um drama tantos e tão variados successos.

Resta-me dizer que eu não alterei a verdade historica nos acontecimentos principaes; e que todos os rasgos de bravura e patriotismo que eu commemorei são fundados em factos.



